



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**  
**CURSO DE GEOGRAFIA**

**CÉLIO HENRIQUE VICENTE MARQUES**

**A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO DE SANTA RITA - PB**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2014**

**CÉLIO HENRIQUE VICENTE MARQUES**

**A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO DE SANTA RITA - PB**

Monografia de graduação apresentada à  
Coordenação do Curso de Bacharelado e  
Licenciatura em Geografia do Departamento  
de Geociências da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para obtenção do grau  
de bacharel em geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Sinval Almeida Passos

**JOÃO PESSOA – PB**

**2014**

Catálogo na publicação  
Universidade Federal da Paraíba  
Biblioteca Setorial do CCEN

M357f Marques, Célio Henrique Vicente.

A feira livre e o mercado público de Santa Rita - PB / Célio Henrique  
Vicente Marques. – João Pessoa, 2014.

57p. : il. –

Monografia (Licenciatura em Geografia) Universidade Federal da  
Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Sinval Almeida Passos.

1. Geografia humana. 2. Mercados públicos. 3. Feiras livres. I. Título.

UFPB/BS-CCEN

CDU 911.3 (043.2)

**CÉLIO HENRIQUE VICENTE MARQUES**

**A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO DE SANTA RITA - PB**

Monografia de graduação apresentada à Coordenação do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de bacharel em geografia. Aprovada em 25/08/2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF. DR. SINVAL ALMEIDA PASSOS**  
(ORIENTADOR E PRESIDENTE DA BANCA)

---

**PROF<sup>a</sup> MSC. ANA GLÓRIA CORNÉLIO MADRUGA**  
(EXAMINADOR)

---

**PROF. DR. UTAIGUARA DA NÓBREGA BORGES**  
(EXAMINADOR)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado sabedoria e paciência para concluir a monografia depois de ter desistido de fazê-la algumas vezes.

Aos meus pais José Célio Marques e Maria Madalena Vicente Marques por sempre buscarem o melhor para mim mesmo com todas as dificuldades.

A minha irmã Anne Carine Vicente Marques que mesmo me aperreando muito abriu meus olhos para as dificuldades que a vida oferece.

A minha namorada Lays Pereira Santos pela paciência e amor que ela me dedica e pela ajuda na confecção dos mapas desta monografia.

Aos meus amigos Priscila Anne Monteiro da Silva, Luciana da Cruz Costa Meireles, Malba Dellyan Duarte Teixeira Lira, Bianca Timóteo Maciel e Michel da Silva Gomes pela amizade construída durante todo o curso e pelos momentos bons e ruins que passamos juntos na vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Sinval Almeida Passos e a Prof<sup>a</sup> Msc. Ana Glória Cornélio Madruga pelo tempo cedido para a minha orientação e pelos conhecimentos que adquiri através deles.

A todos os docentes do curso de Geografia por me passarem os conhecimentos necessários para minha formação.

A todos que de alguma forma contribuíram para eu chegar até aqui.

“... – Sou Geógrafo – respondeu o velho.  
– Que é um geógrafo? – perguntou o  
príncipezinho.  
– É um especialista que sabe onde se encontram  
os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os  
desertos.  
– Isto é bem interessante – disse o pequeno  
príncipe. – Eis, afinal, uma verdadeira profissão!  
...”

Antoine de Saint-Exupéry

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como propósito dissertar sobre a compreensão da dinâmica da feira livre e do mercado público de Santa Rita – PB a partir do estudo de sua organização socioespacial. Nele também são identificados os produtos que lá são vendidos e quais as suas origens, traça um perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores e aponta os principais problemas enfrentados por eles naquele ambiente. Faz-se ainda necessário um resgate histórico do município e da feira livre. Os procedimentos metodológicos adotados foram: pesquisas bibliográficas, visitas a campo com registros fotográficos e aplicação de questionários. As principais referências utilizadas foram Santana (1990), Santana (1999), Santana (2010), Pazera Jr. (2003) e Santos (1979). Nos resultados percebemos que: o comércio formal na cidade cresceu bastante nos últimos anos, mas ainda há uma preferência pela feira; os feirantes são em grande maioria moradores do próprio município, assim como os consumidores; os problemas enfrentados por eles são de várias origens, a exemplo da falta de higiene, calor, falta de segurança e dificuldades de encontrar vagas para estacionar nas proximidades da feira.

**Palavras-chave:** Santa Rita, Feira Livre, Mercado Público, Análise Socioespacial.

## **ABSTRACT**

This paper aims to elaborate on understanding the dynamics of free and fair public market of Santa Rita - PB from the study of their socio-organization. In it also identifies products that are sold there and what are their origins, draws a socioeconomic profile of stallholders and consumers and highlights the main problems faced by them in that environment. It is still necessary for a historical restoration of the city and the county fair. The methodological procedures were adopted: literature searches, field visits with photographic records and questionnaires. The main references used were Santana (1990), Santana (1999) Santana (2010) Pazera Jr. (2003) and Santos (1979). On the results was realized that: formal trade in the city has grown greatly in recent years, but there is still a preference for fair; the stallholders are most residents of the city, as well as consumers; the problems faced by them are from various sources, such as the lack of hygiene, heat, lack of security and difficulty finding parking spaces near the fair.

**Keywords:** Santa Rita, Free Trade, Public Market, Socio-Spatial Analysis.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa das Mesorregiões da Paraíba destacando o município de Santa Rita.....	19
<b>Figura 2:</b> Imagem de satélite da área da pesquisa.....	25
<b>Figura 3:</b> Planta Baixa dos mercados públicos e feiras livres de Santa Rita.....	26
<b>Figura 4:</b> Comércio santa-ritense (Rua Gov. Flávio Ribeiro Coutinho).....	27
<b>Figura 5:</b> Bancos de madeira e lona na rua Alípio Gomes da Silveira.....	29
<b>Figura 6:</b> Bancos de madeira e lona na rua J. Vieira.....	30
<b>Figura 7:</b> Vista parcial da Rua Praça Antenor Navarro.....	30
<b>Figura 8:</b> Vista parcial da Rua Antenor Navarro em 1973.....	31
<b>Figura 9:</b> Vista parcial da Rua Antenor Navarro em abril de 2014.....	31
<b>Figura 10:</b> Vista parcial da Rua João Ribeiro Coutinho.....	32
<b>Figura 11:</b> Vista parcial da Rua São João em frente ao Mercado Público.....	33
<b>Figura 12:</b> Sistema de ventilação parado.....	34
<b>Figura 13:</b> Banheiros sem portas e privadas.....	34
<b>Figura 14:</b> Setor de frutas.....	35
<b>Figura 15:</b> Setor de verduras.....	36
<b>Figura 16:</b> Setor de raízes e tubérculos.....	36
<b>Figura 17:</b> Setor de farinhas.....	37
<b>Figura 18:</b> Setor de carnes e derivados.....	38
<b>Figura 19:</b> Ruela na parte externa do mercado público.....	39
<b>Figura 20:</b> Setor de lanchonetes.....	39

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1:</b> Dias da semana em que os feirantes vão à feira comercializar seus produtos.....	40
<b>Gráfico 2:</b> Faixa etária dos feirantes.....	41
<b>Gráfico 3:</b> Grau de Escolaridade.....	42
<b>Gráfico 4:</b> Tempo de atuação dos feirantes.....	42
<b>Gráfico 5:</b> Local onde moram os feirantes.....	43
<b>Gráfico 6:</b> Outras fontes de renda na família dos feirantes.....	44
<b>Gráfico 7:</b> Transporte dos Produtos.....	44
<b>Gráfico 8:</b> Faixa etária dos consumidores.....	46
<b>Gráfico 9:</b> Local onde moram os consumidores.....	47
<b>Gráfico 10:</b> Preferência do local de compra.....	48

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1:</b> Produtos comercializados no mercado público e na feira livre.....	28
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DE FEIRA LIVRE E MERCADO .....</b>	<b>12</b>
1.1 Conceituando mercado e feira livre.....	12
1.2 Origem das feiras livres no Mundo .....	13
1.3 Origem das feiras livres no Brasil .....	14
1.4 Origem das feiras livres no Nordeste .....	15
1.5 A Feira Livre e os circuitos da economia urbana.....	16
<b>CAPÍTULO II - O MUNICÍPIO DE SANTA RITA.....</b>	<b>18</b>
2.1 Localização e limites do município de Santa Rita - PB .....	18
2.2 Aspectos históricos.....	20
2.3 Aspectos Geográficos.....	22
<b>CAPÍTULO III – A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO DE SANTA RITA .....</b>	<b>24</b>
3.1 Breve Evolução Histórica.....	24
3.2 Localização da área em pesquisa .....	25
3.3 Descrição da feira livre e do mercado público .....	27
3.4 Perfil dos feirantes.....	40
3.5 Perfil dos consumidores .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE A - Questionário aplicado aos feirantes do mercado público e feira livre de Santa Rita – PB .....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE B - Questionário aplicado aos consumidores do mercado público e feira livre de Santa Rita – PB.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE C – Ruas próximas ao mercado ocupadas por automóveis. ....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE D – Motocicletas estacionadas dentro do mercado público .....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE E – Corredor do Mercado Público.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE F – Corredor entre os setores das frutas e das verduras. ....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE G – Ruela onde funciona a praça de alimentação. ....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE H – Vista da Rua Luís Porto para a feira do peixe.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada trata da organização socioespacial da feira livre e do mercado público da cidade de Santa Rita – PB, ressaltando todas as problemáticas envolvidas naquele espaço. De uma forma mais precisa ela descreve a estrutura organizacional da feira livre, do mercado público e das ruas próximas a ele, as quais ostentam um grande e crescente número de imóveis comerciais. A monografia também aponta a origem dos produtos comercializados nestas duas instâncias pesquisadas e faz um retrato socioeconômico de seus feirantes e consumidores.

Quanto a **Justificativa** para escolha do tema, esta se deu devido a feira e o mercado público terem relevante importância comercial na cidade, mesmo em meio a fase crescente do comércio formal no município. Hoje os habitantes não dependem tanto quanto antes de ir à João Pessoa, capital do Estado, para suprir algumas necessidades. Nos últimos anos, filiais de grandes empresas se instalaram na cidade, a exemplo de supermercados, lojas de móveis e eletrodomésticos, revendas de motocicletas, dentre outros. Com essas empresas vieram também mudanças no espaço físico de alguns pontos da cidade devido a construção de imóveis para elas se estabelecerem, principalmente nas ruas onde acontece a feira livre e nas proximidades do mercado público.

Este trabalho tem como **Objetivo Geral** Analisar a dinâmica da Feira Livre, do Mercado Público de Santa Rita - PB e de seu entorno a partir do estudo de sua organização socioespacial. Têm como **Objetivos Específicos**:

- a) Identificar quais produtos são vendidos na Feira Livre e no Mercado Público e descobrir suas origens;
- b) Traçar um perfil socioeconômico dos feirantes e dos consumidores a partir de entrevistas com os mesmos;
- c) Apontar os principais problemas enfrentados naqueles ambientes.

Referente à **Metodologia**, inicialmente foram realizadas pesquisas bibliográficas com o propósito de servir como base para a fundamentação teórica do trabalho. Para isso foram utilizadas obras como livros, trabalhos monográficos, dissertações e teses com o tema feira livre e mercado público, além de serem feitas pesquisas em sites na internet. Também achou-

se necessário buscar o conhecimento de temas paralelos ao principal, a exemplo do contexto histórico da cidade de Santa Rita e da obra de Milton Santos “O espaço dividido” a qual apresenta os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Após o estudo da temática foi possível traçar o caminho a seguir.

A segunda etapa foi o trabalho de campo, nele foi aplicada primeiramente a observação no tocante a estrutura física, social e econômica da área de estudo, registrando-as através de fotografias. Após observar as problemáticas destas três esferas de conhecimento fez-se necessário voltar à mesa para elaborar questionários a serem respondidos pelos que fazem a feira, ou seja, comerciantes e consumidores.

Voltando a campo, as entrevistas foram realizadas, sendo 50 com os comerciantes e 50 com os consumidores. No entanto não ficamos somente presos aos questionários, as pessoas que foram ouvidas acabaram por ficar à vontade para falar de suas vidas e do cotidiano na feira.

As bibliografias antes pesquisadas também serviram como base para a compreensão dos dados obtidos nas idas a campo, para, por fim ser desenvolvido toda parte escrita do trabalho, que além da introdução foi estruturado em 3 capítulos e seus subcapítulos, conclusão e referências bibliográficas.

O primeiro capítulo, intitulado de “Conceitos e Características de Feira e Mercado” têm como objetivo, referenciar o trabalho apresentando os conceitos e teorias sobre mercado e feira livre. Ele está dividido em 5 subcapítulos: Conceituando mercado e feira livre; Origem das feiras livres no Mundo; Origem das feiras livres no Brasil; Origem das feiras livres no Nordeste e A feira livre e os circuitos da economia urbana.

No segundo capítulo “O município de Santa Rita” são apontados dados sobre o município, no que diz respeito a sua localização, história e características geográficas. Sua subdivisão se dá em três partes: Localização e limites do município de Santa Rita – PB; Aspectos históricos e Aspectos Geográficos.

O terceiro capítulo, com título “Feira livre e mercado público de Santa Rita” é onde se desenvolve a pesquisa realizada em campo. Nele é apresentado todos os dados obtidos com as visitas à área de estudo, sendo dividido em 5 subcapítulos: Breve Evolução Histórica; Localização da área da pesquisa; Descrição da feira livre e do mercado público; Perfil dos feirantes e Perfil dos consumidores.

## **CAPÍTULO I – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DE FEIRA LIVRE E MERCADO**

### **1.1 Conceituando mercado e feira livre**

De acordo com Huberman (1976 *apud* ALMEIDA, 2009), há uma diferença fundamental entre mercado e feira. Para ele é no mercado aonde são negociados em menores proporções os produtos locais de origem agrícola. Já a feira se constitui no local onde são negociados produtos vindos de diversas partes do mundo, nesse caso em maiores proporções. Ainda sobre isto Ferretti (2000 *apud* GOMES, 2013 p. 22) afirma que:

[...] feira e mercado as vezes são tratados como sinônimos, porém, ambos apresentam características próprias que difundem um do outro, que dizem respeito mais a estrutura do que a função.

Conforme aponta Gomes (2013), percebe-se que a diferença entre mercado e feira se dá pela estrutura, tempo e variedade de mercadorias. Ainda segundo essa autora, os mercados públicos são geralmente locais fechados e cobertos, enquanto a feira se faz ao ar livre. No mercado é mais comum se encontrar produtos do gênero alimentício, enquanto na feira pode-se encontrar quase tudo. Quanto ao tempo, as feiras tendem a permanecer menos dias funcionando.

Diniz (2014), diz que foi dos pequenos mercados que se formaram as feiras, nas quais foram estabelecidas várias formas de mercados no decorrer da história. Atualmente, muitas vezes, os dois termos se confundem. Essa citada autora toma ainda como base Dantas (2007), quando o mesmo afirma que a feira resiste às mudanças que ocorrem nas atividades comerciais atuais. A autora sugere que no caso das feiras, elas sofrem apenas adaptações devido aos rumos tomados pelo próprio comércio. Mudanças estas que estão totalmente relacionadas às grandes transformações ocorridas na sociedade. Braudel (1998 *apud* ALMEIDA, 2009) diz que.

As feiras livres constituem o princípio fundamental dos mercados. Numa abordagem socioeconômica elas representam um ponto de encontro entre vendedores e compradores – feirantes e fregueses – para realizarem todo o tipo de troca de produtos.

Ainda sobre a questão citada acima, o que se percebe, na realidade, é que no ambiente da feira não ocorreu muitas mudanças. Assistimos por exemplo, os mesmos modos de relação entre os feirantes e os consumidores de hoje com os das primeiras feiras, assim como mercadorias sendo vendidas em bancos, mesas e barracas, os quais muitos ainda feitos de madeira. Há mudanças sim, como os modernos produtos que hoje encontramos à venda, a fiscalização no tocante à higiene da feira e as condições de trabalho dos feirantes para tentar adequá-la as normas atuais e igualá-las aos outros tipos de comércio a exemplo dos grandes supermercados.

## **1.2 Origem das feiras livres no Mundo**

A feira assume não somente uma função comercial, mas também, dentre outros aspectos, um papel folclórico, religioso e festivo. Como o significado original da palavra afirma, feira deriva do latim *feria* a qual significa dia santo, feriado.

Guimarães (2010) explana que as feiras originaram-se na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. Esta mesma situação é identificada por Almeida (2009):

Atribuí-se a Idade Média, a oficialização das feiras, pois em Roma, estabeleceu-se que as regras de criação e funcionamento destas dependiam da intervenção e garantia do Estado, que atuava como disciplinador, fiscalizador e cobrador de impostos.

Para suprir as suas necessidades pessoais, os camponeses iam às ruas a fim de trocar ou vender sua produção excedente percorrendo os locais onde havia uma maior oferta de produtos no sentido de atender a necessidade de aquisição das mercadorias de que necessitavam. Com o passar do tempo fez-se necessário à implantação de um local para realizar essas trocas, onde nele estivessem disponíveis várias opções de produtos. Com isso, o número de pessoas nestes locais foi aumentando, despertando assim o interesse do poder público em fiscalizar e cobrar impostos. No que tange a estas atividades comerciais Diniz (2014, p.14) diz que:

As primeiras atividades comerciais se baseavam em trocas naturais em que as partes estipulavam livremente a quantidade e os produtos que poderiam envolver as suas negociações. Essa forma de comércio, em sua gênese, pode ser chamada de “troca direta”. O desenvolvimento do comércio só veio

adquirir mais intensidade depois do aparecimento da moeda que facilitou bastante as trocas de mercadorias.

Segundo Braudel (1998 apud ALMEIDA, 2009), as feiras foram criadas devido a formação de excedentes de produção, havendo assim a necessidade de troca destas mercadorias, que primeiramente foram realizadas entre grupos vizinhos e depois foi estendida para os grupos do entorno das comunidades.

### **1.3 Origem das feiras livres no Brasil**

Ao nível de escala Brasil, Pazera Jr. (2003, p.25) afirma que, antes mesmo da colonização, os nativos que aqui habitavam já realizavam negociações de produtos entre si. Há registros sobre a existência de feiras livres desde a época colonial, onde os portugueses trocavam produtos com os índios. A princípio, os nativos ofereciam produtos exóticos, sendo que posteriormente passaram a oferecer produtos de maior valor como o pau-brasil. Veja como Pazera Jr. argumenta essa questão:

As feiras no Brasil, à época de colonização, constituíam-se numa inovação, pois os nativos não tinham noção deste tipo de comércio. Os índios possuíam uma vida simples, baseada numa economia de subsistência, que tinha como única finalidade a satisfação de suas necessidades imediatas. Não havia motivo para a produção de excedentes e acumulação de riquezas, pois, sua cultura desconhecia a propriedade privada. O comércio intertribal se dava de forma peculiar, com os grupos delimitando um lugar específico para a troca de produtos, em geral para o adorno corporal.

O referido autor ainda assinala que estas trocas realizadas entre portugueses e índios resultaram em sangrentas batalhas, pois os portugueses não se contentaram em apenas comercializar produtos como o pau-brasil, pois começaram também a saquear as aldeias e a escravizar os nativos. Observe como esse autor trata o mencionado assunto:

A primeira referência das feiras no Brasil data de 1548, quando o Rei D. João III na tentativa de evitar que os colonos se dirigissem às aldeias, ordenou que se fizesse um dia de feira para que os gentios viessem à cidade comerciar seus produtos e comprar o que necessitassem (MOTT, 1975 apud PAZERA JR., 2003).

Mesmo com toda a evolução e modernidade a que se chegou o país, observa-se que as feiras ainda sobrevivem no Brasil. Portanto sejam nos grandes centros urbanos, atestando a



cultura de um povo, ou então nas pequenas cidades, onde muitas vezes é o principal ou o único local de comércio para a população, a verdade é que as feiras livres fazem parte da dinâmica socioeconômica da realidade brasileira.

#### **1.4 Origem das feiras livres no Nordeste**

Tratando de feiras regionais do país, Pazera Jr. (2003) diz que na Região Nordeste existe a predominância de dois tipos: o primeiro referente as feiras típicas dos grandes centros urbanos, onde nelas existem toda uma estrutura regular de comércio; já o segundo tipo se refere as pequenas feiras espalhadas pelo interior da região e que podem ser consideradas como remanescentes das feiras tradicionais. Nesse último grupo de feiras identifica-se que os comerciantes são também agricultores, artesãos e ainda criadores, que ali estão vendendo seus excedentes.

Com base no tipo de região em que as feiras ocorrem Issler (1965 *apud* PAZERA JR., 2003) faz a distinção em dois grupos: as Feiras de Zona de Transição, e as Feiras de Zonas Típicas. Para ele:

As feiras de Zona de Transição ocorrem nas faixas de transição entre duas zonas geograficamente diferentes: Zona da Mata-Sertão; Brejo-Agreste. Esta localização vai possibilitar que produtos característicos de cada área sejam trocados. Desta forma estas feiras apresentam uma variedade de produtos significativa, que vão desde frutas e verduras até produtos industrializados. Outro ponto a ser considerado é que, em geral, nestas zonas de transição há o domínio da pequena e média propriedade, o que propicia condições para que um número maior de agricultores participem da feira. [...] As Feiras de Zonas Típicas são as existentes no interior de Zonas Geográficas bem definidas. Quando comparadas às zonas de transição são menores e mais pobres, resumindo-se a umas poucas barracas com produtos de consumo indispensável e algumas de artesanato e confecção. [...] a presença do produtor como comerciante quase não se faz notar. Quase todo mundo possui uma roça, mesmo que bem pequena, ou não possuem condição de comprar o que é oferecido na feira.

Pazera Jr. (1987), citado por Pazera Jr, (2003) apresenta que a feira nordestina não se configura apenas como um local de comércio, mas também, deve ser considerado como um lugar privilegiado, onde se desenvolvem uma série de relações sociais.

Na Paraíba, as primeiras grandes feiras a surgir foram às de gado. Sendo que a cidade de Campina Grande foi o ponto de interligação entre dois núcleos de povoamento: o Litoral e o Sertão. Por ter sua localização privilegiada entre esses espaços regionais foi lá que surgiu a

primeira feira de gado do estado, os quais vinham do Sertão e ali eram comercializados junto com os produtos oriundos do Litoral, dos quais se destacavam o açúcar e a farinha de mandioca. Sobre isso Moreira (2002 *apud* MOREIRA, et al, 2003) alega que:

Situada na porção intermediária do território estadual, no topo do planalto da Borborema, voltada para o Sertão e o Litoral, Campina Grande surge, desde os primeiros currais de gado nela instalados, como um ponto de parada e ao mesmo tempo um posto de troca e abastecimento capaz de integrar os espaços regionais.

### **1.5 A Feira Livre e os circuitos da economia urbana**

Milton Santos, em sua obra “O Espaço Dividido” de 1979 classifica o atual modelo de economia urbana dos países subdesenvolvidos em dois circuitos, o circuito inferior e o circuito superior. Esse modelo de economia urbana é gerado através da desigualdade de classes onde a renda é o fator classificatório para esta divisão social. De acordo com Santos (1979, p. 31):

[...] pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústrias de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não “capital intensivo”, pelos serviços não modernos fornecidos a “varejo” e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão.

Contudo, Santos (1979) ainda afirma que o consumidor pertencente a um dos circuitos não é impedido de consumir no circuito ao qual não pertence, a diferença se dará devido a quantidade e a qualidade deste consumo.

Observamos nestas definições que cada circuito tem distintas atividades e com isso podemos ligar a feira-livre ao circuito inferior devido a sua forma de serviços e comércios não modernos que se caracterizam por não visar a obtenção do lucro e sim garantir a sobrevivência. Esta afirmação pode ser ainda mais comprovada quando fazemos a relação dos elementos essenciais do funcionamento do circuito inferior apontados por Santos (1979 p.180) com a dinâmica das feiras-livres. Estes elementos são o crédito, os intermediários financeiros e o dinheiro líquido.

O “crédito”, para Santos (1979), pode ser obtido em forma de dinheiro ou em mercadorias. Nas feiras-livres os comerciantes que não produzem suas próprias mercadorias

necessitam desse crédito para adquiri-las. Quando o comerciante não tem condições de se deslocar diretamente para obtê-las dos agricultores ele recorre ao atravessador, o qual é o “intermediário financeiro”, e este faz a ligação entre eles através do transporte dos produtos, o autor também chama a atenção para a dominância do intermediário devido a posição estratégica no abastecimento, por ser em geral o único que dispõe de crédito bancário e, portanto, de “dinheiro líquido”.

O dinheiro líquido assegura várias funções dentro do circuito inferior. Representa os pagamentos em numerário, indispensáveis ao consumidor final, bem como aos agentes, para pagarem parcialmente suas dívidas e obterem assim novos créditos. (SANTOS 1979, p.180)

Ou seja, para o consumidor final (feirante) ou para o agente (atravessador) o dinheiro líquido é indispensável para poder inicialmente obter o crédito e depois é fundamental para poder conservá-lo.

Analisando os dados obtidos na pesquisa com os feirantes do mercado público de Santa Rita verificamos que 90% deles moram no município, sendo 20% destes na zona rural. Outro aspecto que chama a atenção é o baixo grau de escolaridade e o fato de que a maioria destes comerciantes sobrevive apenas da feira ou necessitam dela para complementar sua renda. Estes dados estão totalmente associados à natureza do emprego no circuito inferior, onde Santos (1979, p.159), diz que:

O circuito inferior constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional. Esses encontram bem rápido uma ocupação, mesmo que seja insignificante ou aleatória.

Santos (1979), atenta ainda para as relações que se estabelecem entre vendedor e comprador no que tange a pechincha de preços. Na feira de Santa Rita é perceptível esta relação. Normalmente ocorre negociação na compra dos produtos de forma direta e pessoal entre eles, esta característica de formação de preço é bem evidente no circuito inferior e é chamado por Santos (1979 p. 195), de “preço de ocasião”, onde este depende desta forma de relação com a clientela como também das condições em que o feirante é abastecido.

Por fim é notável que a maioria das características apresentadas por Milton Santos para definir o circuito inferior podem ser relacionadas e observadas no cotidiano das feiras livres.

## **CAPÍTULO II - O MUNICÍPIO DE SANTA RITA**

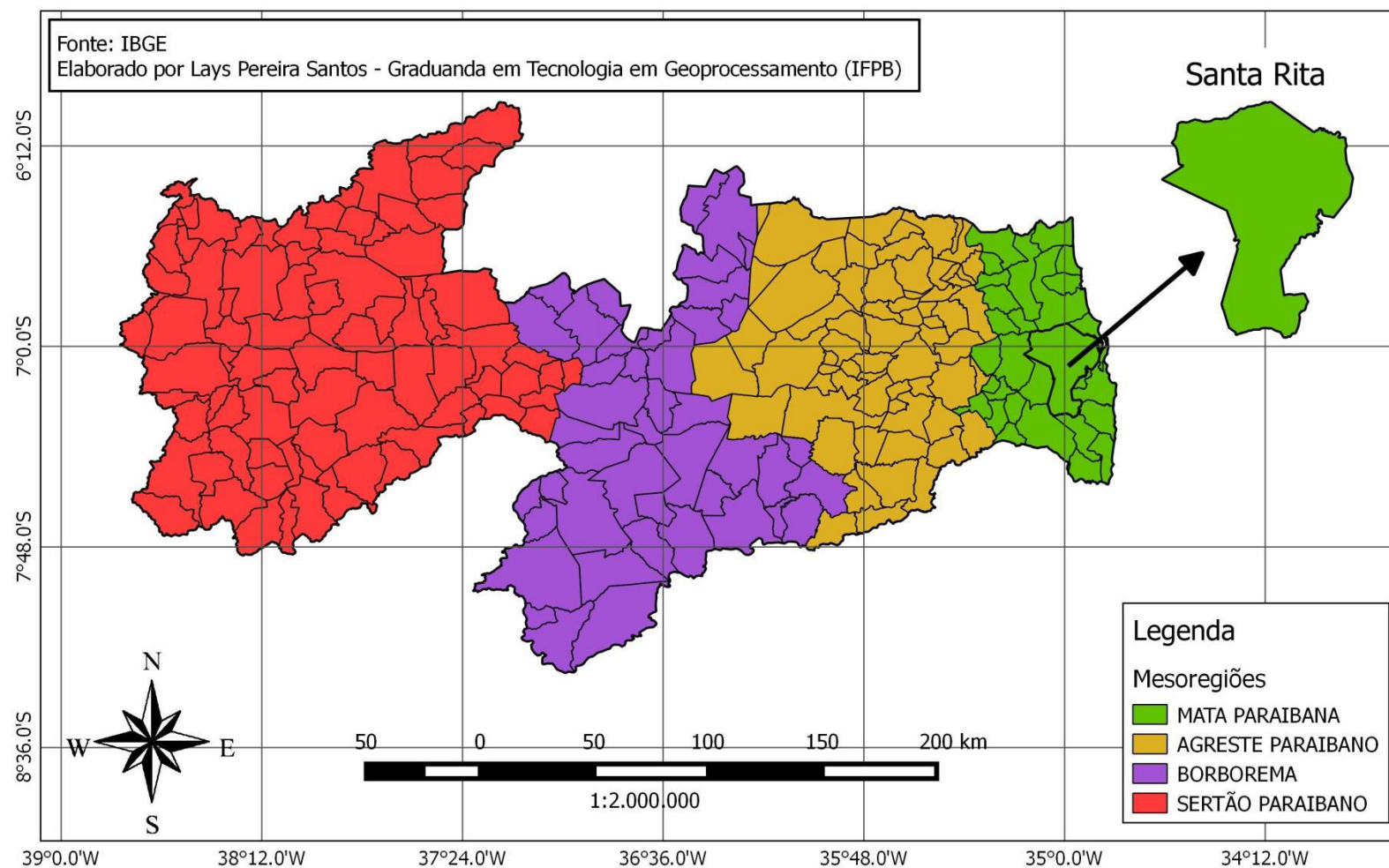
### **2.1 Localização e limites do município de Santa Rita - PB**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), o Estado da Paraíba é dividido em 223 municípios, sua capital é a cidade de João Pessoa, o território do Estado é de 56.469.778km<sup>2</sup>, sua população em 2010 era de 3.766.528 habitantes e ele se encontra na região Nordeste do Brasil, na porção mais oriental do continente americano.

Dentro da Paraíba, o município de Santa Rita está inserido na Região Geográfica do Litoral paraibano, na Mesorregião da Mata Atlântica (figura 1) e integra a Microrregião de João Pessoa da qual também faz parte os municípios de João Pessoa, Bayeux, Cabedelo, Conde e Lucena. Santa Rita possui uma área territorial de 726,847 km<sup>2</sup>, suas coordenadas geográficas são 07°06'50" de latitude Sul e 34°58'41" de longitude Oeste.

Santa Rita faz fronteira com 11 municípios, a Norte com os municípios de Capim, Rio Tinto e Lucena; a Sul com Pedras de Fogo, Alhandra e Conde; a Leste com Bayeux, Cabedelo e João Pessoa e a Oeste com Sapé e Cruz do Espírito Santo. Está situada nas proximidades de um importante tronco rodoviário-federal formada pela BR-101 e a BR-230, ficando à 15 Km da Capital por via terrestre, e 8 Km em linha reta. Devido a essa proximidade e a influência exercida pela capital, Santa Rita faz parte da região metropolitana da Grande João Pessoa a qual pela Lei Complementar 93/2009 também pertencem os municípios de Bayeux, Cabedelo, João Pessoa, Conde, Cruz do Espírito Santo, Lucena, Rio Tinto, Alhandra, Pitimbu, Caaporã e Pedras de Fogo.

Figura 1 – Mapa das Mesorregiões da Paraíba destacando o município de Santa Rita.



Fonte: IBGE, 2014, elaborado por Lays P. Santos (2014).

## 2.2 Aspectos históricos

Segundo Santana (1999), Santa Rita teve seu início logo após a fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves em 1585, atual cidade de João Pessoa. Seu povoamento foi caracterizado por intensos conflitos entre os índios Tabajaras e Potiguaras e os invasores europeus. Ainda sobre sua origem Santana (1990) afirma que:

Como povoado colonial, Santa Rita tem sua origem ligada à implantação do Engenho Real Tibiri, em 1586, pelos colonizadores da Capitania Real da Paraíba. [...] com exceção da cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Santa Rita pode ser considerada o núcleo de povoamento mais antigo da Paraíba [...].

Para Santana (1990), Santa Rita tornou-se um local de acampamento para as pessoas que viajavam da capital da Província para o interior, e vice-versa. O pouso era ali necessária devido a existência de um grande alagadiço entre a capital e o Engenho Tibiri, sendo este fato o principal responsável pela criação do município.

“Naquele tempo, efetivamente, para se ir à capital da Província, fazia-se um grande rodeio, contornando o vasto alagadiço existente entre Santa Rita e Tibiri, para então alcançar a estrada de Manêma que ligava o Engenho Tibiri à Paraíba. A pousada aí, portanto, era uma necessidade. Foi justamente, nesse “pouso”, que surgiram as primeiras habitações e mais tarde a cidade que é hoje Santa Rita.”<sup>1</sup>

De acordo com Santana (1990) para proteger o Engenho Real Tibiri o português Martim Leitão, em 1771, construiu o Forte de São Sebastião e uma capela em sua devoção. Ali próximo também foi edificado o primeiro engenho de cana-de-açúcar, o Engenho Cumbe pertencente ao Doutor Sindulfo de Assunção Santiago. Sobre isso Santana, (1999) diz que:

Devido a influência comercial por ele exercida e pela localização próxima ao centro, o município recebeu a denominação de Povoado do Cumbe. Mais tarde, [...] com a inauguração da Igreja Matriz de Santa Rita, [...] em 1776, passou a Povoado de Santa Rita.

Conforme dados do IBGE, a formação administrativa do município se deu na seguinte ordem cronológica:

- O distrito foi criado com a denominação de Santa Rita, pela Lei Provincial n.º 2, de 20-02-1839. Subordinado ao município de Paraíba;

<sup>1</sup> Histórico do município de Santa Rita-PB.

Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=251370&search=paraibalsanta-ritainfograficos:-historico> > acesso em: 16 de novembro de 2013.

- Elevado a categoria de vila com a denominação de Santa Rita, pelo Decreto Estadual n.º 10 de 09-03-1890, desmembrado de Paraíba. Instalado em 29-03-1890;
- A vila é extinta sendo seu território anexado ao município de Paraíba;
- Elevado novamente à categoria de vila com a denominação de Santa Rita, pelo Decreto Estadual n.º 79 de 24-09-1897, desmembrado de Paraíba;
- Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila é constituída do distrito sede;
- Elevado à condição de cidade e sede municipal com a denominação de Santa Rita, pela Lei Estadual n.º 613 de 03-12-1924;
- Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído do distrito sede;
- Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 3 distritos: Santa Rita, Livramento e Lucena;
- Pelo Decreto-lei Estadual n.º 1.164, de 15-11-1938, o distrito de Livramento passou a denominar-se Tabajara;
- No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 3 distritos: Santa Rita, Tabajara e Lucena;
- Pelo Decreto-lei n.º 520, de 31-12-1943, o distrito de Tabajara passou a denominar-se Gargaú;
- Pelo Decreto-lei n.º 454, de 20-06-1944, é criado o distrito de Barreiras (ex-povoado) e anexado ao município de Santa Rita;
- Pela Lei n.º 546, de 26-06-1944, o distrito de Barreiras passou a denominar-se Bayeux;
- Pela Lei Estadual n.º 169, de 05-11-1948, o distrito de Gargaú passou a denominar-se Nossa Senhora do Livramento;
- Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 4 distritos: Santa Rita, Bayeux (ex-Barreiras), Lucena e Nossa Senhora do Livramento (ex-Gargaú);
- Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1955;
- Pela Lei Estadual n.º 2.148, de 28-07-1959, é desmembrado do município de Santa Rita o distrito de Bayeux. Elevado à categoria de município;
- Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Santa Rita, Lucena e Nossa Senhora do Livramento;
- Pela Lei Estadual n.º 2.664, de 22-12-1961, é desmembrado do município de Santa Rita o distritos de Lucena. Elevado à categoria de município;

- Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Santa Rita e Nossa Senhora do Livramento;
- Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### 2.3 Aspectos Geográficos

O município está inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros a qual se estende por todo litoral nordestino, formada por platôs de origem sedimentar variando entre 50 e 100 metros de altitude apresentando encostas suaves e fundas com amplas várzeas e também vales estreitos e encostas abruptas apresentando geralmente solos profundos e pobres.

“Os solos dessa unidade geoambiental são representados pelos Latossolos e Podzólicos nos topos de chapadas e topos residuais; pelos Podzólicos com Fregipan, Podzólicos Plínticos e Podzóis nas pequenas depressões nos tabuleiros; pelos Podzólicos Concrecionários em áreas dissecadas e encostas e Gleissolos e Solos Aluviais nas áreas de várzeas.”<sup>2</sup>

O clima predominante é o Tropical úmido / semi úmido, com seca moderada de 1 a 3 meses, temperatura média de 25° C e média anual de pluviosidade variando entre 1700 e 1800mm. A vegetação é predominantemente do tipo Floresta Subperenifólia, com partes de Floresta Subcaducifólia e Cerrado/ Floresta.

O elemento natural geográfico que se destaca em Santa Rita é o Rio Paraíba, que corta o município de oeste para leste, passando pela sede municipal, servindo de limite com o município de João Pessoa, formando ilhas, das quais se destaca a de Tiriri. (SILVA, 2002, p. 18)

Segundo o censo de 2010 do IBGE, neste ano Santa Rita possuía uma população de 120.310 habitantes e com estimativa para 125.278 habitantes em 2013, contabilizando 58.119 homens e 62.191 mulheres. A população é residente em grande parte na zona urbana, a qual abriga 103.717 pessoas enquanto a zona rural possui uma população de 16.593 habitantes.

De acordo com o Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual (IDEME) o município tem o quarto maior PIB do Estado da Paraíba chegando a 1,402 bilhões em 2011. No que se refere a base produtiva do município, o IDEME apresenta as estatísticas de cada setor da economia onde:

<sup>2</sup> Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea - Diagnóstico do Município de Santa Rita - Estado da Paraíba (Ministério de Minas e Energia).  
Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/SANT219.pdf>



[...] o setor terciário contribui com 49,8% do valor anual, o setor secundário com 44,1% e o setor primário teve a menor contribuição a qual chega a 6,1% do valor anual total do município. Na agricultura, destacam-se as produções de abacaxi, cana-de-açúcar, mamão e mandioca, e na pecuária o destaque fica por conta da bovinocultura que também é expressiva nesse município. No Setor Secundário, destaca-se a indústria de transformação, mais especificamente os ramos de calçados, fabricação de velas, estofados, minerais não-metálicos (cerâmicas e tijolos), pré-moldados, bem como a indústria sucro-alcooleira (açúcar, rapadura e álcool).

Desde sua formação Santa Rita sempre esteve ligada com a cana-de-açúcar, hoje não é diferente, boa parte do seu território é recoberto por canaviais pertencentes a indústrias deste ramo, as quais produzem açúcar, aguardente e etanol, algumas delas são: Usina Japungu, Usina Santana, Usina São João, Engenho do Meio e Destilaria Miriri.

O município ainda possui a maior quantidade de fontes de água mineral do Estado, e por isso encontra-se instaladas nele algumas indústrias desse segmento, como: Água Mineral Platina, Água Mineral Indaiá, Água Mineral Sublime e Água Mineral Itacoatiara.

## **CAPÍTULO III – A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO DE SANTA RITA**

### **3.1 Breve Evolução Histórica**

Na transição do século XVIII para o XIX com as microrregiões já consolidadas pela lavoura de subsistência, pela pecuária e pela cotonicultura ocorreu um aumento nas relações entre Litoral, Agreste e Sertão devido ao crescimento demográfico na Paraíba. Santa Rita se beneficiou deste fato, e podemos observar isto em (SANTANA, 1990 P. 168).

Vizinho à cidade da Paraíba, o povoado de Santa Rita beneficiou-se bastante dessa conjuntura, com o incremento dessas relações, já que o processo de produção gerou a necessidade de uma lavoura de subsistência que, por sua vez, acompanhou a lavoura comercial, sobretudo com o aumento de sua população livre, que começou a se deslocar dos engenhos para o centro.

Junto a este fato houve o surgimento da primeira feira em Santa Rita no ano de 1822, ela era quinzenal e realizava-se próximo a Igreja Matriz de Santa Rita, seu advento fez com que atividade comercial se fortalecesse e assim contribuiu para que o povoado se estendesse dos engenhos para o centro.

Segundo Santana (2010) aproximadamente em 1823 foi fundada pelo Presidente da Junta Governativa da Província de Santa Rita, Estevão José Carneiro da Cunha, a Praça Dom Pedro II, que fica em frente a Igreja Matriz e hoje é denominada de Praça Getúlio Vargas. Nela, a feira que antes se realizava quinzenalmente passou a ser semanal devido o então Presidente da Junta Governativa ter conseguido licença do Império para este fato. No final do século XIX foi construído pelo chefe político Amaro Gomes Ferraz um galpão para o mercado público de Santa Rita que necessitava de um local coberto para sua realização, mais tarde, na administração de capitão Bernardo Alves de Carvalho, o galpão foi demolido e seu espaço passou a ser usado como tenda para o Cine Ambulante de Carvalhinho em 1907.

Ainda segundo Santana (2010) nos anos de 1940 na administração do prefeito Diógenes Nunes Chianca foi iniciada a construção do mercado público de Santa Rita no local onde antes era o Cemitério Santana, vindo a ser concluído pelo prefeito Flávio Maroja Filho e encontrado até hoje neste mesmo local. No ano de 2007, na administração do prefeito Marcos Odilon Ribeiro Coutinho foi feita uma reforma na parte externa e na interna do mercado o que será melhor apresentado no tópico 3.3.

### 3.2 Localização da área em pesquisa

O município conta com dois mercados públicos, um no bairro de Tibiri e outro no centro da cidade o qual é objeto de estudo desta pesquisa; a cidade conta também com 4 feiras livres, sendo elas nos bairros do Alto das Populares, Várzea Nova, Tibiri e Centro, as duas últimas acopladas à seus respectivos mercados públicos (figura 3).

O mercado público de Santa Rita localiza-se no centro da cidade, de acordo com o plano diretor a feira livre encontra-se nas ruas ao seu redor (figura 2), e são elas: Rua Luís Porto (1), Antenor Navarro (2), Rua Praça Antenor Navarro (3), Alípio Gomes da Silveira (4), João Ribeiro Coutinho (5), J. Vieira (6). Mesmo não constando no Plano Diretor do município, as ruas São João (7) e Dr. Flávio Ribeiro Coutinho (8) também concentram um grande número de imóveis comerciais além do Hospital e Maternidade Flávio Ribeiro Coutinho.

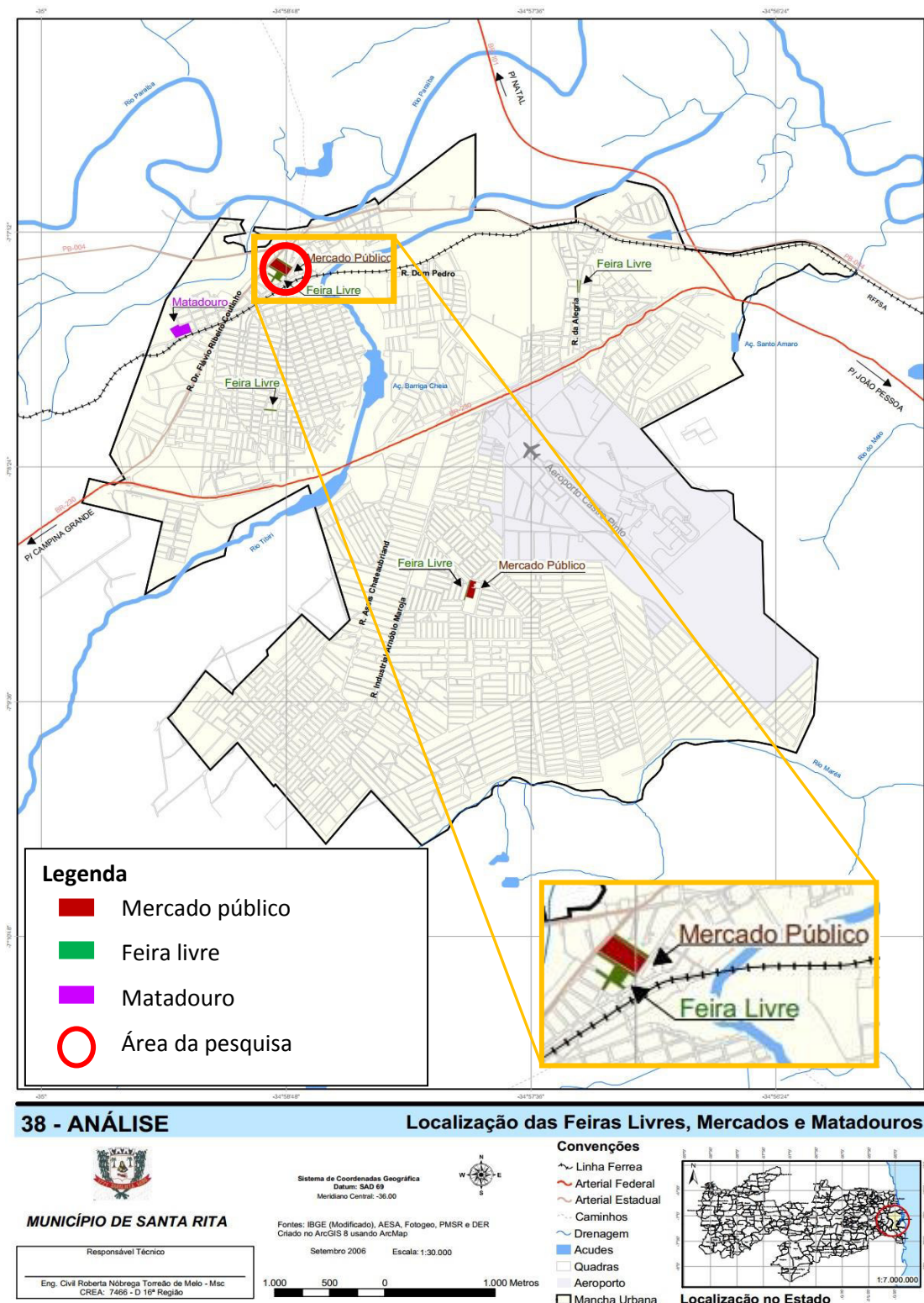
Figura 2: Imagem de satélite da área da pesquisa.



Fonte: Google Earth. Adaptado por Lays P. Santos (2014).

O mercado público possui uma área aproximada de 14000 metros quadrados, metade desse total esta situado em uma área fechada por portões durante a noite. Algumas das ruas onde localiza-se a feira livre são fechadas totalmente ou parcialmente para o fluxo de veículos por nelas existirem bancos de cimento e de madeira onde os feirantes vendem seus produtos.

Figura 3: Planta Baixa dos mercados públicos e feiras livres de Santa Rita.



Fonte: Plano Diretor do Município de Santa Rita. Adaptado pelo autor. Disponível em: [https://www.dropbox.com/sh/3t528paixm66uk6/BNZa6Rjtvh/mapas/38\\_Mapa\\_Feiras\\_Mercado\\_Matador\\_Urbanas.pdf](https://www.dropbox.com/sh/3t528paixm66uk6/BNZa6Rjtvh/mapas/38_Mapa_Feiras_Mercado_Matador_Urbanas.pdf)

### 3.3 Descrição da feira livre e do mercado público

Nos últimos anos o comércio de Santa Rita vem crescendo bastante, o crescimento concentrou-se nas proximidades do mercado público da cidade, principalmente nas ruas Governador Flávio Ribeiro Coutinho, São João, João Ribeiro Coutinho e Praça Antenor Navarro. Como podemos ver na (figura 4) grandes lojas de móveis e eletrodomésticos se instalaram nessa região a exemplo do Atacadão dos Eletros, Armazém Paraíba, Elektra e Magazine Luiza, também concentrou-se nessa área grandes supermercados, como o Todo Dia e o Varejão do Preço, além de vários mercadinhos e uma revendedora de motocicletas Honda.

Figura 4: Comércio santa-ritense (Rua Gov. Flávio Ribeiro Coutinho)



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

Apesar de alguns supermercados também venderem carnes, frutas e verduras, os quais são os principais produtos comprados pelos consumidores do mercado público e da feira livre, os feirantes não sofreram queda significativa em suas vendas devido a este fato, pois na cidade ainda há uma preferência pelos produtos vendidos no comércio informal por serem mais frescos, terem uma maior opção e ainda poderem pechinchar o preço.

Vejamos a seguir o quadro 1 com os produtos que são comercializados na feira-livre, no mercado público e nas ruas ao seu entorno.



Quadro 1: Produtos comercializados no mercado público e na feira livre.

<b>Gêneros</b>	<b>Produtos</b>
01 - Alimentícios	A- Frutas e verduras em geral
	B- Raízes, tubérculos e derivados
	C- Animais abatidos e derivados: (aves, bovinos, suínos, caprinos)
	D- Frutos do mar
	E- Condimentos
02 - Diversos	A- Vestuário: (Roupas e calçados)
	B- Redes e colchas
	C- Joalheria
	D- Miudezas
	E- Mangalhos
	F- Papelaria
	G- Moveleira
	H- Produtos de informática
	I- Ferragem
	J- Artesanatos
	K- Produtos esportivos
03 - Serviços	A- Pets-shop
	B- Barbearia
	C- Assistências técnica: eletrodomésticos / eletroportáteis / relógio / celulares
	D- Consertos de alicates e tesouras
	E- Farmácia
	F- Refeições e lanches

Fonte: O autor

Segundo a administração do mercado público existem cerca de 500 boxes cadastrados na prefeitura, durante a entrevista ocorrida no mês de abril de 2014, os feirantes informaram que desde Janeiro do mesmo ano a prefeitura não estava cobrando os impostos e eles só estavam pagando à vigias para fazer a segurança do local durante a noite. O que se observa na

feira é que também há vendedores que não são cadastrados, pois eles colocam suas mercadorias em lonas, carros de mão, em cima de caixas, dentre outras formas e assim não necessitam pagar nenhum tributo ao poder público, apesar de que foi relatado por alguns feirantes que eles pagam impostos mesmo não tendo um banco fixo para colocar seus produtos.

Como podemos ver na figura 5 e 6, na rua Alípio Gomes da Silveira e na J. Vieira há bancos de madeira cobertos por lonas bloqueando o tráfego de veículos. Estes comerciantes haviam sido retirados e colocados em um centro comercial afastado cerca de 500 metros da feira, os feirantes relataram que neste novo local as vendas caíram, por isso voltaram para estas ruas e até então não foi cobrada nenhuma taxa, eles apenas pagam seguranças para vigiarem seus bancos. Nas duas fotos também podemos perceber alguns tipos de comércio como, farmácia e mercadinhos em meio a residências.

Nesses bancos encontrados nas duas ruas próximas ao mercado público os principais produtos à venda são roupas, em alguns também podemos encontrar brinquedos, acessórios para o cabelo e CDs e DVDs piratas. A maioria dos produtos de vestuário encontrados lá vem da cidade de Caruaru – PE, Santa Cruz do Capibaribe - PE e da fábrica VALTEX localizada no próprio município de Santa Rita.

Figura 5: Bancos de madeira e lona na rua Alípio Gomes da Silveira



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

Figura 6: Bancos de madeira e lona na rua J. Vieira.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

A Rua Praça Antenor Navarro (figura7) é uma das mais movimentadas, nela existem vários tipos de comércios, a exemplo de Lojas de artigos esportivos, roupas, calçados, móveis, miudezas, além de frigorífico, farmácia, supermercado, ótica e alguns serviços como, conserto de relógios, celulares, sapatos e pontos de táxi.

Figura 7: Vista parcial da Rua Praça Antenor Navarro



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.



Na Rua Antenor Navarro está a “feira do peixe”, ela é totalmente fechada por bancos onde são vendidos frutos do mar, nas duas próximas fotos (figura 8 e 9) podemos fazer uma comparação histórica daquela área.

Figura 8: Vista parcial da Rua Antenor Navarro em 1973.



Fonte: Relatório preliminar de desenvolvimento integrado – SUDENE, município de Santa Rita, outubro de 1973 – Paraíba.

Figura 9: Vista parcial da Rua Antenor Navarro em abril de 2014.



Foto: Célio Henrique, abril de 2014.

Na figura 8, tirada em 1973, nota-se que os bancos ainda eram totalmente de madeira cobertos por lona e devido ao carro estacionado da para deduzir que a rua não era totalmente fechada; já na figura 9, tirada em 2014, vemos que as construções são de alvenaria e que hoje não há mais movimento de veículos naquela área.

Quando perguntado aos feirantes sobre a origem dos peixes e dos outros frutos do mar vendidos por eles, os mesmos falaram que a maioria vem do Estado do Rio Grande do Norte, provavelmente do município de Baía Formosa. O que ocorre é que eles os compram de terceiros que vêm à feira semanalmente e fazem uma lista de quais peixes os feirantes querem e a quantidade, posteriormente estes atravessadores trazem a mercadoria que adquiriram com os próprios pescadores ou de frigoríficos nestes locais de pesca.

Nos dias de maior movimentação na feira, os quais ocorrem de quinta a domingo, encontram-se na Rua João Ribeiro Coutinho (figura 10) alguns feirantes vendendo frutas, verduras e tubérculos em caixotes, carros de mão ou até mesmo em lonas no chão dividindo o espaço com os veículos que por ela trafegam, além destes também encontramos nesta rua, mercadinhos, residências, cabeleireiro, distribuidores de bebidas, Igrejas, loja de cosméticos e loja de miudezas.

Figura 10: Vista parcial da Rua João Ribeiro Coutinho.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.



Uma das ruas onde encontramos boa parte do comércio de Santa Rita mas não está no seu Plano Diretor como pertencente à feira-livre da cidade é a Rua São João (figura 11), nela localiza-se o portão principal do Mercado Público e boa parte do comércio santa-ritense a exemplo de lojas de materiais de construção, roupas, joalheria, pet-shop, farmácias, movelaria, padaria, self-service, bancos, casas lotéricas etc.

Figura 11: Vista parcial da Rua São João em frente ao Mercado Público.



Foto: Célio Henrique, abril de 2014.

Outra rua que também não consta no Plano Diretor do município como pertencente à feira-livre mas está próximo ao mercado público e tem grande número de imóveis comerciais, é a Rua Gov. Flávio Ribeiro Coutinho a qual vimos na figura 4. Nesta rua concentrou-se grandes supermercados, revendedoras de motocicletas, lojas de móveis e eletrodomésticos, além de bancos, hospital, clínicas, posto de combustível etc.

Todas estas ruas ao entorno do mercado público também são usadas como estacionamento e nelas transitam um grande número de veículos por serem vias principais de acesso à vários bairros tornando o fluxo de automóveis muito lento, principalmente nos dias de maior movimentação de feirantes e consumidores.

No tocante ao mercado público, este teve uma reforma no ano de 2007, recebendo uma nova cobertura e também padronização dos boxes sendo revestidos com cerâmica. Hoje o mercado necessita de uma melhor manutenção em suas estruturas, como a exemplo dos ventiladores que não mais funcionam (figura 12), da falta de algumas portas e privadas nos

banheiros (figura 13), dos esgotos que como foi relatado pelos feirantes, ao chover forte entopem, trazendo vários transtornos e também da falta de lixeiras dentro e fora dele.

Figura 12: Sistema de ventilação parado.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

Figura 13: Banheiros sem portas e privadas.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

No mercado público há uma separação por setores, onde cada tipo de produto fica em sua área específica. Na parte interna do mercado existe o setor das frutas (figura 14), o das verduras (figura 15), o de raízes e tubérculos (figura 16), o de farinhas (figura 17) e os setores das carnes e derivados (figura 18), nessa área fechada também podemos encontrar alguns boxes com cereais, condimentos, lanches e variedades.

As origens dos produtos são muitas, mas um fato interessante é que muitos dos vendedores de frutas, verduras, raízes e tubérculos disseram que compravam-nos de atravessadores, os quais trazem estas mercadorias e repassam para os feirantes venderem na feira.

Figura 14: Setor das frutas.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

As frutas vendidas no mercado público de Santa Rita vêm de vários lugares, como, do município de Itambé-PE, do distrito de Odilândia em Santa Rita, dos povoados de Mumbaba também pertencente à Santa Rita, e Covoada o qual pertence a Cruz do Espírito Santo, mas a maioria delas vem da CEASA (Centrais Estaduais de Abastecimento) de João Pessoa, outros feirantes relataram que também compram da CEASA de Campina Grande e de Recife e alguns têm o seu próprio sítio onde cultivam as frutas e as revendem na feira.



Figura 15: Setor de verduras.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

A maioria dos feirantes que vendem verduras disseram que seus produtos vinham das CEASA's de João Pessoa e Campina Grande, outros os compram em sítios na zona rural de Santa Rita e de Cruz do Espírito Santo.

Figura 16: Setor de raízes e tubérculos.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

O Inhame, a macaxeira, a batata, o feijão verde e a fava são em grande parte vinda de sítios dos próprios feirantes e também de outros locais da zona rural de Santa Rita ou de cidades próximas como do povoado de Covoada e do assentamento de Massangana em Cruz do Espírito Santo, além de alguns vendedores comprarem-nos na CEASA de João Pessoa.

Figura 17: Setor de farinhas.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

Os produtos desse setor, como a farinha, a goma e a massa de mandioca vêm dos municípios de Pedras de Fogo – PB, Itambé – PE e também são trazidos da zona rural de Santa Rita.

As carnes e seus derivados ficam no corredor que separa os quatro setores antes mencionados, de um lado o das frutas e o das verduras; e do outro o das raízes e tubérculos e das farinhas. Na próxima foto (figura 18) vemos este corredor, nele os boxes são maiores e divididos por paredes, ele tem aproximadamente 90 metros de comprimento por 3,50 metros de largura, o seu telhado é baixo em relação ao dos outros produtos e seu piso é metade revestido em cerâmica e a outra metade em pedra fria.

Segundo os feirantes a procedências da carne bovina é em sua maioria da região próxima a Santa Rita, principalmente do município de Mari - PB, mas também são trazidos bois vivos dos Estados de Mato Grosso e Goiás, todos abatidos no matadouro público da cidade.

Figura 18: Setor de carnes e derivados.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

Como antes mencionado, o Plano Diretor do município demarca o mercado público como sendo tanto nesta parte fechada e dividida por setores como também em uma área externa que fica entre ruelas e becos em meio a imóveis comerciais. Nestes locais existem de tudo um pouco como mostra a figura 19, lá encontramos produtos artesanais, CD's e DVD's piratas, pássaros em gaiolas, utensílios e ferramentas para vários tipos de tarefas, miudezas e frangos vivos ou abatidos. Um fato interessante é que neste local também encontra-se um antigo bar, conhecido como Bar de Raquel, que muitos dizem que funcionou ou ainda funciona como cabaré, este é um fator que nos leva a observar os mercados públicos como locais onde ocorrem vários tipos de manifestações culturais e sociais transformando-os em um espaço peculiar dentro do tecido urbano, neste sentido Leal (2012), tratando-se de mercado público diz que:

São como guetos incrustados nas cidades, situando-se, portanto, como locais de construção de identidades, de dimensão lúdica e recreativa. Neles subjaz a memória de práticas populares tradicionais, que se mantêm em constante articulação com a cultura urbana.

Na figura 20 vemos o setor que foi destinado às lanchonetes, ele também foi reformado em 2007 e ganhou uma cobertura sobre os bancos onde as pessoas podem lanchar. Na imagem também observamos um muro de tapume onde está sendo erguido mais um imóvel



cujo a fachada é voltada para a rua Flávio Ribeiro Coutinho, na qual atualmente se concentra a maioria das grandes lojas e supermercados que se fixaram em Santa Rita.

Figura 19: Ruela na parte externa do mercado público.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

Figura 20: Setor de lanchonetes.



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

### 3.4 Perfil dos feirantes

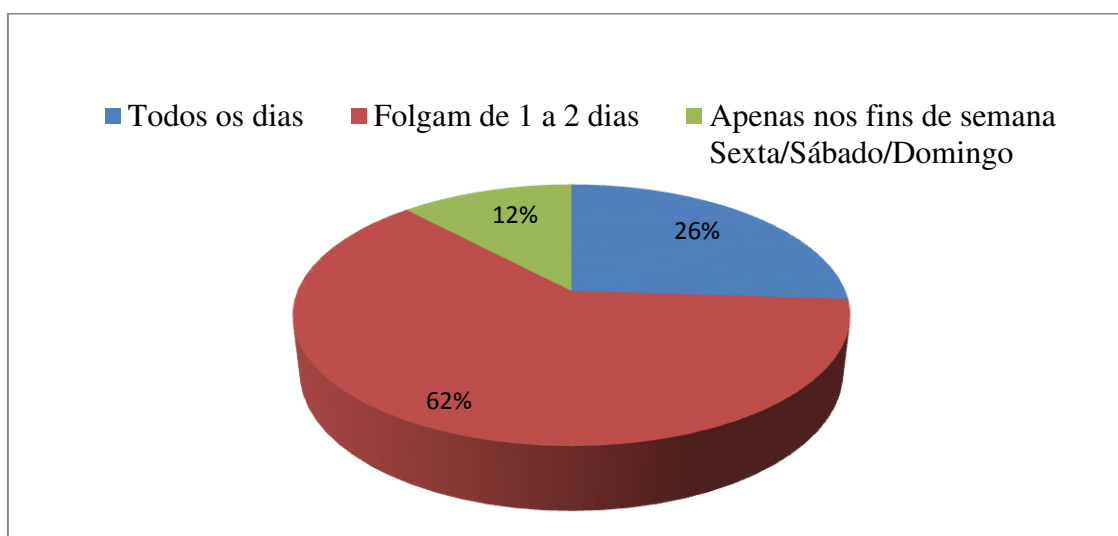
Para que fosse possível traçar um perfil socioeconômico dos feirantes foi necessária a elaboração de um questionário (apêndice A), posteriormente aplicado à 50 deles visando responder perguntas quanto a sua idade, sexo, grau de escolaridade, local de moradia e questões relacionadas à sua vivência na feira.

De domingo a domingo o mercado e a feira de Santa Rita estão abertos, como mostra o gráfico 1 a maioria dos feirantes folgam de 1 a 2 dias na semana, chegando a uma porcentagem de 62%, 26% vêm todos os dias e os outros 12% deixam para vir apenas nos finais de semana que é quando ocorre um maior fluxo de consumidores, onde nenhum deles relataram ir comercializar em outras feiras nos seus dias de folga.

No início de cada mês verifica-se uma quantidade maior de pessoas, em entrevista aos feirantes os mesmos apontaram para este fato e justificaram-no como sendo o período em que ocorre o pagamento da maioria dos trabalhadores e aposentados. Com relação a isto Silva (2002, p.52) diz que:

Em relação às feiras livres, verifica-se que elas funcionam no período inicial do mês, com um maior número de pessoas, pois é nesse período que circula um maior número de dinheiro, proveniente do pagamento dos salários, principalmente, dos funcionários públicos, aposentados, e pensionistas da administração municipal, estadual e federal.

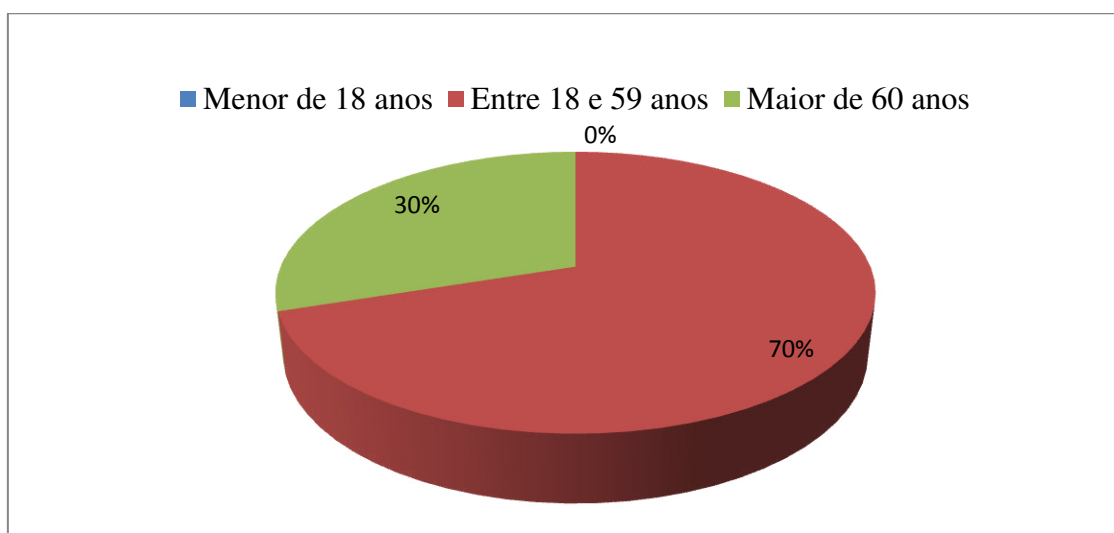
Gráfico 1: Dias da semana em que os feirantes vão à feira comercializar seus produtos.



Fonte: O autor.

No tocante a faixa etária dos feirantes, como é demonstrado no gráfico 2, a maioria são de pessoas em idade ativa entre 18 e 59 anos, apresentando um percentual de 70%, em seguida vem os feirantes que são maiores de 60 anos com percentual de 30%, no que diz respeito aos menores de idade, observou-se alguns comercializando na feira mas não foram aqui identificados devido os mesmos terem se negado a dar entrevista. A maioria destes menores ajudam seus parentes a venderem os produtos nos seus boxes, e também encontramos os que utilizam carrinhos de mão para fazer o transporte das mercadorias compradas pelos consumidores até suas residências. Sobre o gênero sexual dos feirantes entrevistados a porcentagem foi de 50% masculina e 50% feminina.

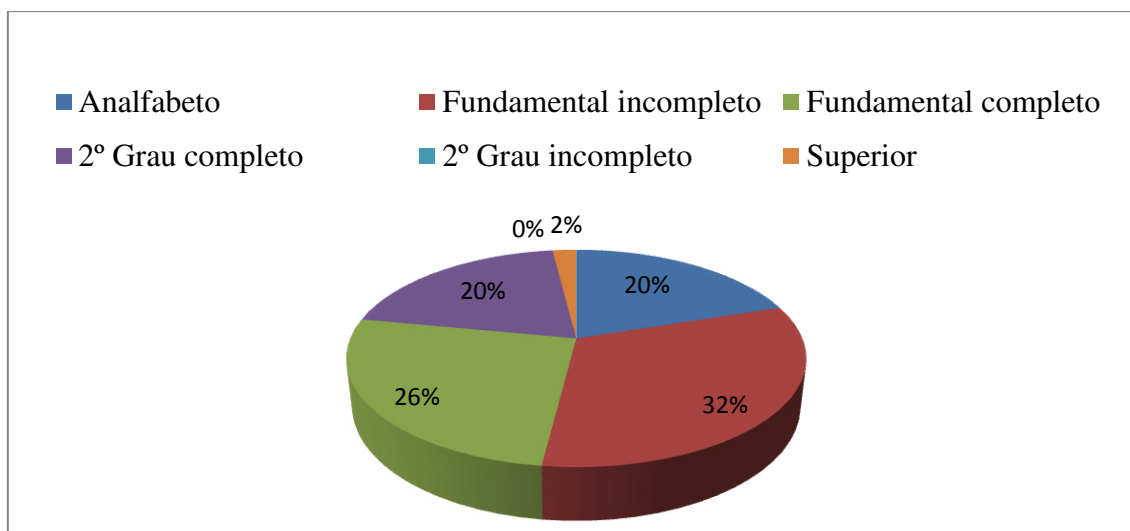
Gráfico 2: Faixa etária dos feirantes



Fonte: O autor.

No gráfico 3 podemos observar o grau de escolaridade dos entrevistados, o nível que mais se destacou foi o fundamental incompleto com 32% dos feirantes relatando ter desistido em alguma das séries deste nível o qual vai desde a 1ª série até o que hoje é chamado de 9º ano, com 26% vem em seguida o fundamental completo, as pessoas que se disseram analfabetas ficou com percentual de 20% o mesmo das que disseram ter o segundo grau completo que vai do 1º ao 3º ano médio, nenhum dos feirante relataram ter desistido em alguma série do segundo grau enquanto as que completaram o nível superior ficou com 2% do total.

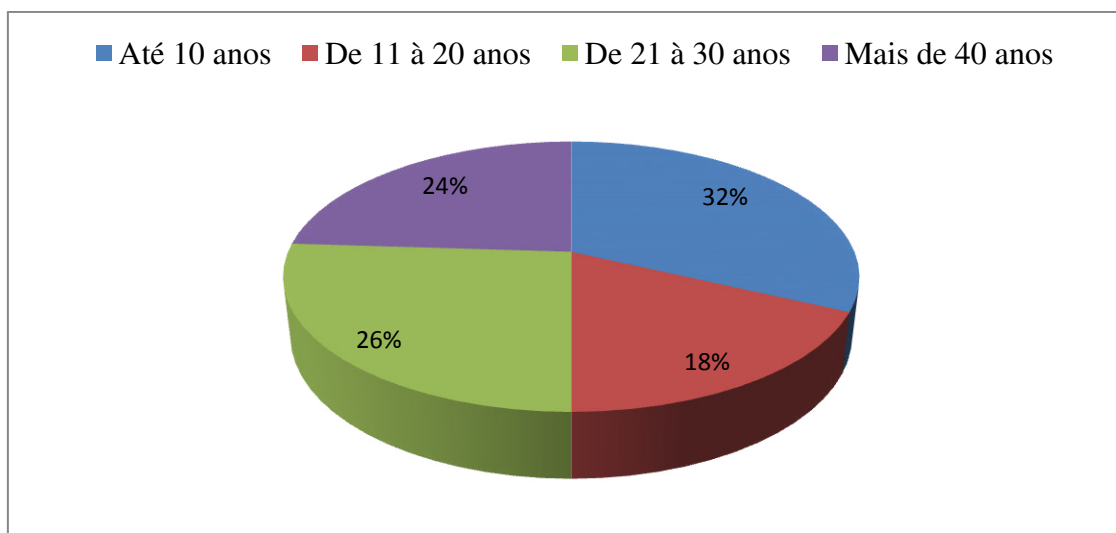
Gráfico 3: Grau de Escolaridade



Fonte: O autor

No gráfico 4 nota-se que 24% dos feirantes trabalham há mais de 40 anos na feira de Santa Rita, a maioria atua a menos de 10 anos, o que dá um percentual de 32%, com 26% ficam os feirantes que atuam entre 21 e 30 anos e com 18% os que estão ali atuando entre 11 e 20 anos.

Gráfico 4: Tempo de atuação dos feirantes

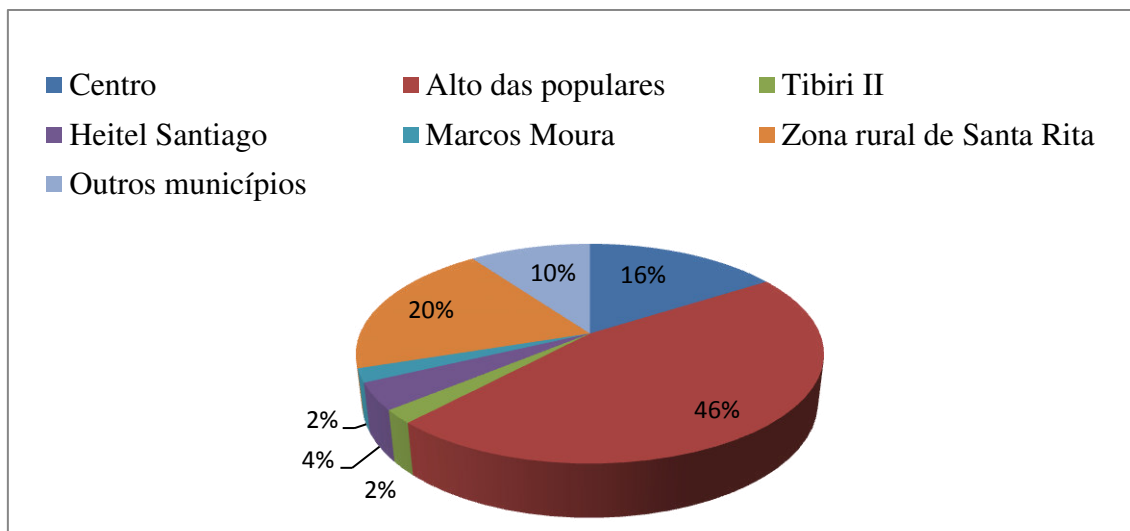


Fonte: O autor

Vemos no gráfico 5 o local de moradia dos feirantes, 46% moram no bairro Alto das Populares um dos mais populosos do município, 16% no Centro e bairros menores próximo a

ele, 4% no bairro do Heitel Santiago, Tibiri II e Marcos Moura têm cada um 2% de percentual, a Zona Rural de Santa Rita ficou com 20% enquanto outros municípios como Sapé, Bayeux e Cruz do Espírito Santo ficaram com 10% do total.

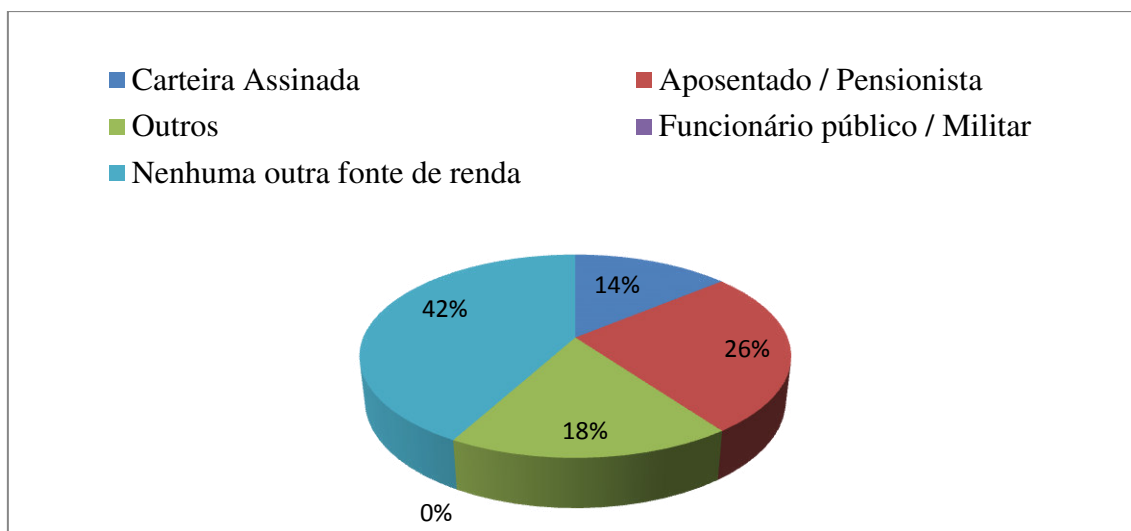
Gráfico 5: Local onde moram os feirantes



Fonte: O autor

A média de pessoas na residência dos feirantes é de 3,6. Foi perguntado aos mesmos se eles ou alguma destas pessoas faziam outra atividade para complementar a renda da família. Observando o gráfico 6 nota-se que a maior parte dos feirantes, cerca de 42%, têm sua renda familiar oriunda apenas da feira, durante as entrevistas percebeu-se que muitos deles conseguem viver bem apenas com esta renda, alguns têm automóveis novos que usam tanto no transporte pessoal como também no transporte de suas mercadorias; 26% alegaram ser ou ter alguém aposentado na família e disseram que se fazia necessário comercializar na feira para complementar sua renda; 18% declararam que a família complementava sua renda fazendo bicos ou eram autônomos em outras áreas; os trabalhadores com carteira assinada chegaram a uma quantidade de 14% na família dos entrevistados enquanto funcionários públicos ou militares não foram constatados nenhum nestas famílias. Sobre o lucro semanal, 40% dos feirantes disseram não saber ao certo este valor, do que foi declarado pelos outros 60% foi feita a média e esta ficou de 367 reais semanais ou 1468 reais mensais, o que equivale a mais de dois salários mínimos.

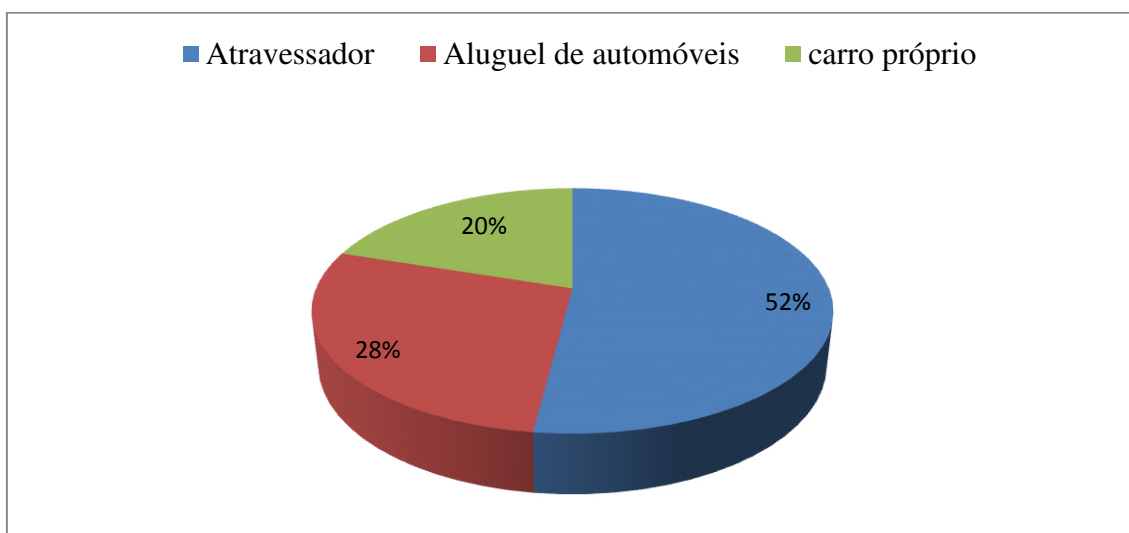
Gráfico 6: Outras fontes de renda na família dos feirantes.



Fonte: O autor.

O transporte dos produtos é em grande maioria feito por atravessadores que os levam para serem vendidos aos feirantes chegando a um percentual de 52%, com 28% vem o aluguel individual de automóveis que vai desde carros de passeio a caminhões, por último fica o transporte realizado pelos feirantes em seus próprios carros chegando a 20% do total (gráfico 7).

Gráfico 7: Transporte dos Produtos



Fonte: O autor

Também foi perguntado aos feirantes quais problemas eles enfrentavam na feira. O grande problema relatado foi a falta de higiene, disseram que o mercado público é regularmente varrida pelo pessoal da limpeza só que muitos feirantes não têm consciência e jogam lixo no chão, além de ter esgotos passando por dentro dele o que atrai ratos e baratas. A higiene nos banheiros também é precária, os comerciantes que têm seus boxes perto deles reclamaram do mau cheiro que vem daquele local e como vimos na figura 13 alguns não tem vaso sanitário nem portas.

O pouco número de seguranças também foi apontado como um dos problemas enfrentados por eles, falaram que raramente ocorrem assaltos, mas brigas já ocorreram algumas, tanto entre feirantes, como de feirantes com consumidores e também terceiros que por ali passam. Outros problemas também relatados foram a poluição sonora e o calor devido a falta de ventilação por causa dos ventiladores estarem parados, já os vendedores ambulantes disseram que seu maior problema é ter que passar o dia levando Sol e chuva sem nenhuma proteção.

Com estas entrevistas, foram adquiridos dados e eles nos possibilitaram perceber a realidade vivida pelos feirantes. Verificamos de início a procedência dos produtos vendidos na feira livre e no mercado público, posteriormente foi traçado o perfil dos feirantes. A grande maioria deles vão comercializar de quarta-feira a domingo, boa parte têm a feira como única fonte de renda e os que trabalham em outras áreas necessitam dela para complementar seus salários, o grau de escolaridade é baixo, a maioria das pessoas estão em idade ativa e 90% moram no próprio município de Santa Rita.

### **3.5 Perfil dos consumidores**

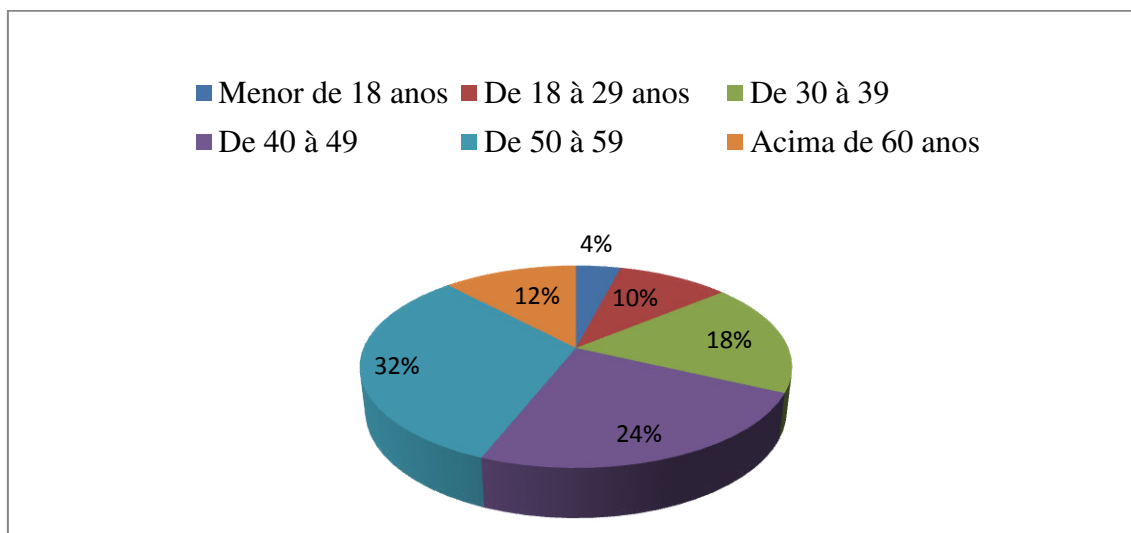
Igualmente aos feirantes também foram entrevistados 50 consumidores através de questionário (apêndice B), buscando conhecer o perfil deles e indagá-los sobre os problemas da feira e a preferência entre ela e os supermercados.

Um fato facilmente visualizado é a quantidade maior de pessoas do sexo feminino comprando na feira e no mercado público. Quanto à idade, verificamos nas entrevistas que os consumidores são em grande maioria acima dos 40 anos, totalizando um percentual de 68%, enquanto os que têm menos de 39 anos equivalem aos outros 32% como podemos ver no gráfico 8. Esta diferença de quantidade de pessoas em relação à idade pode ser explicada pela



preferência dos mais jovens em comprar nos supermercados ou simplesmente porquê ainda dependem dos seus pais, assim não fazem as compras da família.

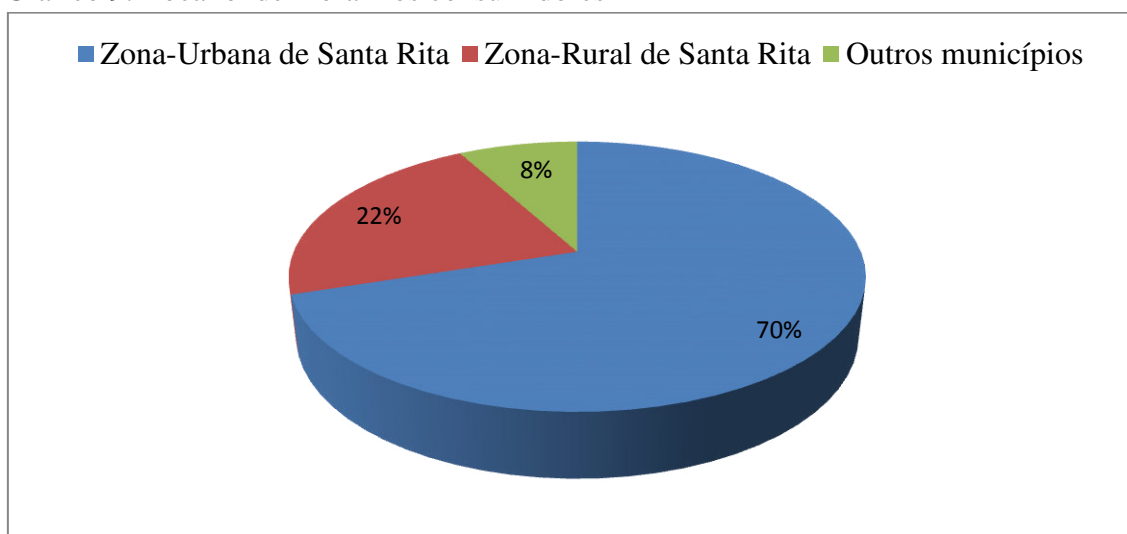
Gráfico 8: Faixa etária dos consumidores



Fonte: O autor

O dia preferido pelos consumidores para fazer as compras é o sábado, seguido do domingo e da sexta-feira. Com um total de 70%, a maior parte das pessoas que vêm à feira são da zona-urbana de Santa Rita, em seguida os da zona-rural com 22% e por fim também foram verificados compradores das cidades vizinhas de Bayeux e Cruz do Espírito Santo apresentando um percentual de 8% (Gráfico 9).

Gráfico 9: Local onde moram os consumidores



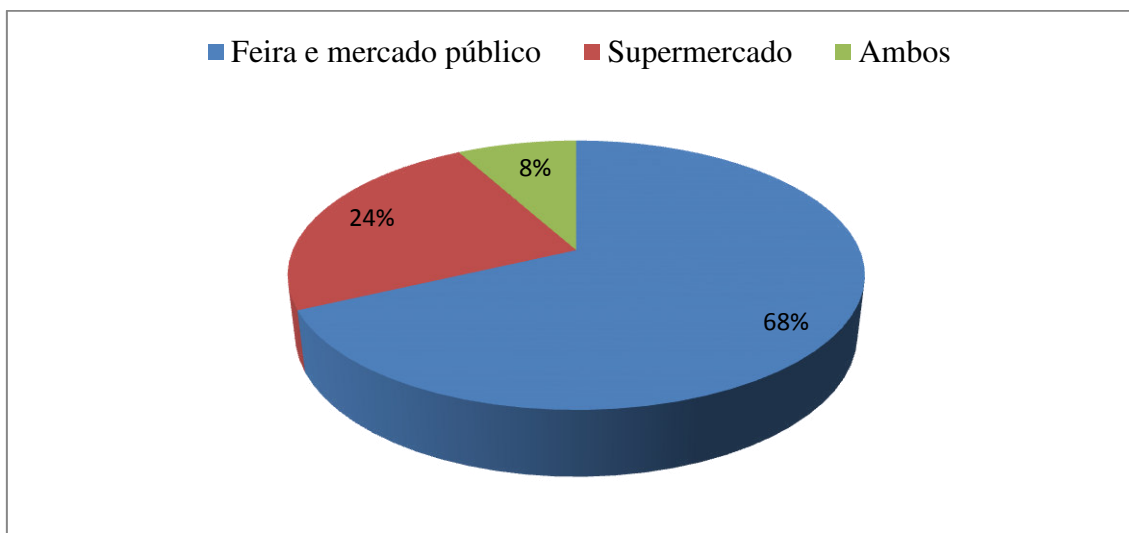
Fonte: O autor



Quanto ao gasto semanal dos consumidores na feira foi tirada a média do valor relatado por eles, o resultado foi de R\$: 70,00 por pessoa. A maioria destes gastos são com produtos do gênero alimentício, dos quais, as frutas, as verduras e as carnes têm um maior destaque nas vendas. Em seguida aparecem os serviços, sendo os mais utilizados, restaurantes, lanchonetes e farmácias. Alguns produtos de gêneros diversos também têm grande procura, a exemplo de: papelaria, miudeza, lojas de móveis e de materiais de construção.

Sobre os produtos do gênero alimentício encontrados no mercado público os quais são: frutas, verduras, raízes e tubérculos, farinha, frutos do mar carnes e derivados, os entrevistados foram perguntados se tinham preferência em comprá-los lá ou em supermercados. No gráfico 10 observa-se que 68% disseram preferir o mercado público. Quando questionados sobre o porquê desta propensão os consumidores relataram que seria devido aos produtos na feira serem geralmente frescos, de melhor qualidade e ainda podiam fazer uma pesquisa maior de preço por terem várias opções de vendedores em um só lugar, ou até mesmo pechinchá-los por já serem fregueses há bastante tempo. 24 % disseram que preferem comprar nos supermercados por ter maior comodidade e melhores condições de higiene, e os 8% restantes falaram não ter preferência entre os dois.

Gráfico 10: Preferência do local de compra



Fonte: O autor

Os consumidores responderam ainda sobre os problemas encontrados na feira livre e no mercado público. O principal relato foi sobre a falta higiene dentro do mercado ao chover, pois muitos se disseram incomodados com a lama e o mau cheiro vindo dos esgotos nestes

dias. Outro problema bastante relatado é a dificuldade em encontrar vaga para estacionar os automóveis, onde muitas vezes é preciso pagar as pessoas que pegam frete em carrinhos de mão para levar as compras até os carros devido a distância que eles se encontram da feira. Também foram apontados problemas quanto ao calor, a falta de comodidade, a presença de animais, o trânsito de motos e bicicletas dentro do mercado público, além dos ambulantes que colocam suas mercadorias nos corredores dificultando assim o fluxo das pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do mercado público de Santa Rita é datada de 1940, percebe-se no exposto trabalho que atualmente ele está precisando de algumas pequenas reformas nos banheiros, no sistema de ventilação e no sistema de esgoto. Nas ruas ao seu entorno localiza-se uma feira onde é vendido principalmente roupas provenientes de Caruaru – PE, Santa Cruz do Capibaribe – PE e da fábrica da VALTEX localizada no próprio município. Verifica-se ainda que são nestas ruas que estão se concentrando os novos estabelecimentos comerciais que chegam à cidade, os quais oferecem os mais variados tipos de produtos e serviços, sendo isso uma das principais causas do lento fluxo de veículos naquela área, juntamente com o fato destas ruas serem vias principais de acesso à vários bairros.

Os feirantes são 90% moradores do próprio município, boa parte têm a feira como única fonte de renda e os que trabalham em outras áreas necessitam dela para complementar seus salários, o que atesta a grande importância da feira para as famílias mais carentes da cidade. Os produtos são na maioria adquiridos de atravessadores atentando para o pouco número de agricultores que vendem na feira seus excedentes. Os hortifrutigranjeiros são comprados principalmente da CEASA, as carnes vêm de Mari – PB e dos Estados de Mato Grosso e Goiás, já boa parte os peixes são trazidos de Baía Formosa - RN

Quanto aos consumidores, a maioria vem de Santa Rita, mas também foi constatado pessoas de outros municípios vizinhos. A média de gasto semanal na feira é de 70 reais, sendo as frutas as verduras e as carnes os principais responsáveis por este consumo, onde 68% das pessoas entrevistadas responderam preferir comprá-los no mercado público e não nos supermercados devido aos produtos na feira serem geralmente frescos, de melhor qualidade e ainda terem a possibilidade de maiores opções e de pechincha de preço.

Os problemas observados e relatados foram vários, destacamos a higiene e estrutura dos banheiros, o descaso com o sistema de ventilação, a acumulação de lama nos dias de chuva devido a obstrução dos esgotos, a falta de segurança, a presença de animais motos e bicicletas dentro do mercado público e o caos do trânsito nas ruas próximas.

A realização deste trabalho foi um tanto prazerosa, não tem como não se envolver com a alegria dos feirantes. O cotidiano da feira e as experiências dos feirantes nos levam a perceber as manifestações culturais e sociais que transformam a feira em um espaço peculiar dentro do tecido urbano. Por fim, espero que esta pesquisa contribua para outros trabalhos relacionados ao tema ou ao município de Santa Rita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** 2009. 136f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros.

CPRM. **Diagnóstico do município de Santa Rita - Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea.** CPRM, 2005. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/SANT219.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

DINIZ, Priscila Aline Alves. **Dinâmica Socioespacial da feira de Oitizeiro em João Pessoa – PB.** 2014. 52f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - DGEOC/UFPB, João Pessoa.

GOMES, Camila Gonçalves. **Uma análise socioespacial da feira livre em Bayeux-pb.** 2013. 53f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - DGEOC/UFPB, João Pessoa.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular.** 2010. 20f. CELACC - Gestão cultural e organização de eventos. São Paulo, 2010.

IBGE. **Paraíba - Santa Rita – infográficos históricos.** IBGE, 2014. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=251370&search=paraibasanta-ritainfograficos:-historico>>. Acesso em: 06 abr 2014.

IDEME. **PIB dos municípios paraibanos.** IDEME, 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/C%C3%A9lio/Downloads/PIBPIB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/C%C3%A9lio/Downloads/PIBPIB%20(1).pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2014.

LEAL, Rosana Eduardo da Silva. **A pedagogia sociocultural dos mercados públicos: um relato de experiência.** EDUCAÇÃO E COMTEMPORANEIDADE. VI Colóquio Internacional, São Cristovão – SE, 2012.

MOREIRA, Emilia et al. **Estruturação do Território Municipal Paraibano: na busca das origens.** Cadernos do LOGEPA – João Pessoa, v. 02, 01. 13f. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/logepa/article/view/10976/6161>> Acesso em: 03 abr. 2014.

PAZERA JR., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: permanência e mudança**. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

PLANO DIRETOR **Mapa das feiras livres e dos mercados públicos de Santa Rita**. Disponível em: [https://www.dropbox.com/sh/3t528paixm66uk6/BNZa6Rjtvh/mapas/38\\_Mapas\\_Feiras\\_Mercado\\_Matador\\_Urbanas.pdf](https://www.dropbox.com/sh/3t528paixm66uk6/BNZa6Rjtvh/mapas/38_Mapas_Feiras_Mercado_Matador_Urbanas.pdf). Acesso em: 26 mar. 2014.

SANTANA, José de Arimatéia Alves. **Santa Rita e seus vultos folclóricos**. João Pessoa: IMPRELL, 1999.

SANTANA, José de Arimatéia Alves. **Santa Rita – PB - Em memórias**. João Pessoa: Sal da Terra, 2010.

SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e M.. **Nordeste, açúcar e poder: Um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba 1920/1962**. João Pessoa: CNPq/UFPB, 1990.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido - os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1979.

SILVA, José Nildo de Barros. Santa Rita, **“A cidade tem um novo rosto”: Aspectos da evolução urbana**. 2002. 60f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - DGEIOC/UFPB, João Pessoa.

<[http://alpb1.pb.gov.br:8082/sapl/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/9427\\_texto\\_integral](http://alpb1.pb.gov.br:8082/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/9427_texto_integral)>  
Acesso em: 24 mar. 2014.

**APÊNDICE A - Questionário aplicado aos feirantes do mercado público e feira livre de Santa Rita – PB**

Data da entrevista: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**1- Dados do feirante:**

a) Idade: \_\_\_\_\_

b) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

c) Escolaridade: \_\_\_\_\_

**2- Onde você mora? Zona Rural ou Zona Urbana?**

\_\_\_\_\_

**3- Cargo que exerce como feirante:**

a) ( ) Patrão b) ( ) Empregado ( ) Família

**4- Produto vendido?**

\_\_\_\_\_

**5- Origem do produto?**

\_\_\_\_\_

**6- Vende outros produtos?**

\_\_\_\_\_

**7- Quais os dias vem para a feira de Santa Rita e você comercializa em alguma outra feira? Qual?**

\_\_\_\_\_

**8- Há quanto tempo comercializa nesta feira?**

\_\_\_\_\_

**9- Como é feito o transporte das mercadorias?**

\_\_\_\_\_

**10- Como estão as vendas do(s) seu(s) produto(s)?**

( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Ótimo

**11- Qual a média semanal de lucro para você na feira?**

\_\_\_\_\_

**12- Quantas pessoas moram com você?**

\_\_\_\_\_

**13- Você ou alguém da sua família tem outras fontes de renda?**

( ) Sim                      ( ) Não

**Quais?**

( ) Trabalha de carteira assinada    ( ) Aposentado            ( ) Pensionista

( ) Bico / Autônomo            ( ) Funcionário público / Militar

**14- Você é cadastrado na Prefeitura?**

( ) Sim                      ( ) Não

**15- Paga impostos?**

( ) Sim                      ( ) Não

**16- Quais os principais problemas enfrentados na feira?**

---

---

---

**17- A prefeitura atua na melhoria destes problemas?**

( ) Sempre                  ( ) As vezes              ( ) Nunca

**Comentários:**

---

---

---

---

**APÊNDICE B - Questionário aplicado aos consumidores do mercado público e feira livre de Santa Rita – PB**

Data da entrevista: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**1- Dados do consumidor:**

a) Idade: \_\_\_\_

b) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

c) Escolaridade: \_\_\_\_\_

**2- Onde você mora? Zona Rural ou Zona Urbana?**

\_\_\_\_\_

**3- Qual dia da semana você prefere ir à feira comprar?**

\_\_\_\_\_

**4- Quais produtos você compra na feira? Quanto gasta semanalmente?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**5- Você prefere comprar estes produtos na feira-livre de Santa Rita ou em outros locais?**

( ) Prefere na feira de Santa Rita ( ) Outras Feiras Livres ( ) Supermercados

Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**6- Entre Ruim, Bom e Ótimo como você avalia os produtos da feira quanto a:**

Qualidade: \_\_\_\_\_ Variedade: \_\_\_\_\_ Preço: \_\_\_\_\_

**7- Quais os principais problemas encontrados na feira?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



**APÊNDICE C – Ruas próximas ao mercado ocupadas por automóveis.**



Foto: Célio Henrique, abril de 2014.

**APÊNDICE D – Motocicletas estacionadas dentro do mercado público**



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

**APÊNDICE E – Corredor do Mercado Público.**

Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

**APÊNDICE F – Corredor entre os setores das frutas e das verduras.**

Foto: Célio Henrique, maio de 2014.



**APÊNDICE G – Ruela onde funciona a praça de alimentação.**



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.

**APÊNDICE H – Vista da Rua Luís Porto para a feira do peixe.**



Foto: Célio Henrique, maio de 2014.